

O HEBRAICO COMO A HISTÓRIA

HEBREW AS HISTORY

Thiago Zanotti Marangoni¹

RESUMO

Baseando-se na concepção de língua como visão de mundo, naquela que um sistema linguístico é uma sistematização da realidade, e fazendo-se uma breve exposição sobre muitos períodos e recortes da língua hebraica, mostra-se aqui como o Hebraico em seu sistema semântico fixa e revela a situação de mundo e consciência do judeu. Apresenta-se brevemente como a história do povo judeu pode ser percebida então através de sua própria manifestação de mundo, a sua língua, o Hebraico.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem, Hebraico, História dos Judeus, Judaísmo.

ABSTRACT

Based on the idea of language as worldview, in which a linguistic system is the systematization of reality, and by making a brief exposition of some features of Hebrew language, it is exposed here the way Hebrew reflects the condition of the jew through world history by its own semantic sphere, the Hebrew.

KEY WORDS

Language, Hebrew, Jewish History, Judaism.

¹ DLCV/FFLCH/USP – Bacharel – tzanotti10@gmail.com

Uma língua é um mundo.

Se uma língua é um "espaço" desenvolvido pela colaboração coletiva e individual, abarcando, neste próprio desenvolvimento, todos os tipos de visões humanas, sejam elas ativas, reativas, concordantes, dissidentes, inovadores, conservadoras, etc, é ela, então, necessariamente, o resultado de um processo social. Desta forma, sendo uma língua um registro efetivo de um grupo humano, podem dela as ciências ditas antropológicas depreender seus objetos de interesse; então, matérias como a Antropologia, a Psicologia e a História podem valer-se de uma língua como objeto central para sua pesquisa. Neste pé, o antropólogo Claude Levi Strauss, em seu *Linguagem e Sociedade*, desenvolve sua argumentação metodológica apresentando a língua como tal depositário dos *elementos arcaicos*, portanto históricos, de um grupo ou sociedade; diz ele de como os fenômenos do espírito de um grupo e dos indivíduos envolvidos numa sociedade estão necessariamente ligados dessa língua, marcando, pois, a evolução de uma língua como um dado empírico do qual se poderia depreender os processos e os estados sociais e psicológicos da sociedade ou grupo ou povo ao qual ela se veicula (Strauss, p. 71).

A língua do judeu, seja este um indivíduo ou um grupo, seria, necessariamente, determinante da *experiência de mundo*² judaica. Todas as suas questões da realidade ficam significadas em sua língua, não havendo um só elemento da existência esquecido por esta faculdade: pois não há experiência humana que a língua não signifique. Logo, o judeu para si e para a sua e as demais comunidades exibiu sua condição humana na forma que *teria dito* ou não dito as coisas; a língua do judeu, como a de qualquer outro homem, enquanto *linguagem*, é o determinante de todo o mundo para ele, ali estarão todas as experiências e objetos entendidos, bem como dali sairão todas as intuições, especulações e proposições. Não há dúvida, por tal, que a história e o caráter judeu fiquem, como em qualquer povo, tão estritamente dependentes e postos à sua própria língua.

² Prefiro chamar de *realidade*, termo este que será aqui usado como o clássico recorte ou visão de mundo em linguística.

Pois bem.

É interessante notar aqui, por conta do que está sendo dito, o artigo da professora Esther Szuchman, *Renascimento da Língua Hebraica*, onde as questões feitas a jovens judeus sobre a língua hebraica necessariamente refletem respostas quanto à identidade e à ideia de mundo destes mesmos jovens. A maioria vê no hebraico uma espécie de elo entre eles e outros judeus, e um vetor de sentimento judaico.

Saber hebraico me dá certa sensação especial, coisa que as outras línguas não me dão. Poder falar a mesma língua que nossos patriarcas falavam; a saber língua que estão escritos os Sifrei Torá, a Safá kedosha. Lógico que saber outras línguas é de extrema importância. Mas para mim, não tanto quanto o hebraico. (Szuchman. p. 13)

Se decidimos recortar o judeu na História, criando uma periodização para a “história deste povo”, nomeando os vários períodos, que poderiam ir desde da separação dos arameus à formação do estado moderno de Israel, não há dúvida que para cada um destes períodos propostos haveria, numa investigação linguística, um registro de língua mínimo que caracterizaria a particularidade do momento social abordado. A professora Szuchman demonstra, em seu artigo, como a condição da língua hebraica reflete necessariamente a condição do judeu.

(...) a língua objeto de conhecimento intelectual, é também, ela própria, uma prática complexa. Penso que a língua não é tão somente um instrumento de comunicação. Trata-se do sujeito compreendido em sua heterogeneidade e em sua contradição inerente, e trata-se também de determinações histórico-sociais e culturais permeadas pelo inconsciente e pela ideologia que lhe são próprios. (Szuchman. p. 15)

O Hebraico, assim, pode se assumir, de forma até muito bonita, como alegoria do povo ou do homem judeu; seu declínio, seu despertar, sua formação, seu ressurgimento, sua modernização, enfim, toda e qualquer condição sua seria

absolutamente reflexo de seus homens (integrantes); a *Língua Sagrada do Povo Sagrado, os nomes proibidos de um Povo Proibido...*

Olhemos a história.

A considerada primeira decadência do hebraico, sustentada por Saasías Gaon (882-942 D.E.C.), caracteriza(-se) à primeira destruição do templo de Jerusalém (586 A.E.C.); o hebraico, neste período, por conta da diáspora, era trocado pelos judeus daquele tempo por outros idiomas, tais como o grego e o aramaico. O que não faz surpreender então que, neste período de exílio, houvesse, por outro lado, uma concentração do caráter sagrado a alguns homens *renitentes* encarregados ao apelo do *Zakhor* (lembrança) por parte de todo "povo" que "se esquecia". Surge nesta condição, um novo "lugar da fala", de direção da palavra judaica; a literatura dos profetas aparece neste período da Diáspora, pois a grande ameaça à integridade do povo judeu dava-se em sua descaracterização, no abandono ou deturpação de seus ritos, da *Lei*, das crenças, dos deveres, o que, por fim, permite-se, paralelamente, ser lido como o abandono de sua própria língua. O bilinguismo, o uso do aramaico como língua franca e o "afastamento" do hebraico como língua de sabedoria ou culto, compreenderia este "esquecimento" do povo diante de novas e diferentes culturas, esquecendo a primordial *separação* feita em Abraão.

De modo semelhante, este aspecto de descaracterização cultural e linguístico, ocorre também com a segunda destruição do templo; o encerramento do cânone bíblico coincide com um "hiato" da nação judaica, encerrada e "desfeita" pelos romanos (YERUSHALMI, p.35).

Nesta mesma linha de argumentação cita-se um outro período; o ressurgimento do prestígio judeu marca também um novo momento de eminência e importância do Hebraico, ocorrido na chamada *Sefarad*, a península Ibérica, nos séculos X a XIII. A participação e espaço cedido aos judeus por conta dos califados árabes dentão reflete-se no reflorescimento da língua hebraica; houveram adaptações à língua na conta do novo estatuto dos sábios judeus que, naquela época, foram muito considerados pelos árabes, ocupando junto aos

dominadores de Córdoba cargos e posições sociais de valor; os judeus então, sendo envolvidos pela vida árabe, inseriram-se no debate das muitas matérias e ciências promovidas por este polo civilizatório, iniciando, assim, um novo período para a cultura, não só hebraica; o conhecimento adquirido e produzido pelos judeus criava um campo “novo” para o Hebraico, que nesta condição, se reestabelecia em valor e corpo através das artes e filosofias que nele eram propostas, existindo uma reciprocidade de pensamentos e de culturas. A língua e o pensamento judaico desenvolviam-se sob influência das culturas e das ciências admitidas pela pesquisa e conquistas árabes e, por sua vez, estas mesmas ciências e culturas envolvidas acabavam também recebendo a influência da cultura e pensamento judeu. O bom exemplo deste momento de ampliação e “comércio” mostra-se no corpo de sábios surgidos à época, como a escola de *RaDak*, na França (Séc. XII) e círculo Aristotélico de Córdoba, ou *Tibônidas*, que, graças à sua significativa produção, influenciaram todo o pensamento baseado na *Alegoria* daquele e de subsequentes tempos.

A integração do judeu na sociedade árabe refletiu-se, então, na enorme integração de elementos estrangeiros ao hebraico, e no desenvolvimento que a língua recebeu para suprir a tradução de todo o tipo de obras estrangeiras, como o caso do *corpus* aristotélico. O hebraico se ampliava na base da amplificação da importância judaica.

Mas é importante pontuar-se.

Tanto a integração como a desintegração do povo judeu sempre tiveram como um de seus resultados uma outra língua, uma língua franca onde a vida do judeu se incorporava, e mesmo se confundia, a outra cultura; tanto no caso do exílio da Babilônia como do califado de Córdoba, o hebraico ficara mantido como Língua Sagrada, *Léshon Hakódesh*, ou língua de sábios, *léshon jajamim*, sempre havendo um entreposto linguístico de uso comum, mais “às ruas”, fosse o grego o aramaico o árabe. Este é um fenômeno recorrente na história do povo judeu; a marcação permanente de sua identidade separada; havendo então sempre um espaço "original" (exclusivo) que se mantém ao hebraico.

Este fator, o de se haver uma língua par ao Hebraico, não ocorreu somente às línguas "estrangeiras". O caráter restrito e religioso do Hebraico foi responsável pela formação e desenvolvimento de outras línguas dentro de própria comunidade judaica, pois uma vez que a vida comum do judeu em certo grau se adaptava e se isolava das sociedades concorrentes, ficava necessário a estas comunidades judaicas o uso e solução de *outros termos* para a mediação de sua vida social adaptada; a comunidade, então, estabelecia para si uma outra língua, mais "útil" e menos "importante". É o caso do ídiche, por exemplo.

Jacob Guinsburg, em seu artigo intitulado *Uma Língua Passaporte: o Ídiche*, mostra como esta língua "jargão" é uma língua estritamente de judeus, nascida de uma relação entre o *loez*, uma língua não hebraica, com o próprio Hebraico, desenvolvida nas relações "de cotidiano e fala". Essa *mame-luschen*, como diz Guinsburg, tornou-se com o tempo um idioma *autóctone da nação, etnia ou minoria judaica nos estados da Europa Ocidental*, recebendo, posteriormente, um estatuto maior do que o de "jargão" – mas isso é uma outra longa história...

Apesar da "vida" e da importância que línguas como o ídiche e o ladino ocupam na vida do judeu, estas línguas determinam, para seus falantes, um *espaço e realidade* diferentes, e até inferiores, aos que o hebraico lhes remeteria. Sabe-se que o hebraico, queira ou não, carrega, como já dito, o caráter de *Léshon Hakódesh*, língua dos patriarcas, língua dos profetas, a língua da *Torah*, condição que lhe contempla num valor fundamental de dever, de origem, de causa – de *lembrança!*— e separação, o que o torna, necessariamente, um signo universal de identidade, onde toda a ideia de *judaicidade* está fortemente vinculada ao seu caráter total, original, sagrado, territorial e comum (DINUR, p. 4).

Já no Estado moderno, baseado em relações abstratas de homem e de trabalho, em que se torna possível a emancipação política e religiosa do homem, alguns movimentos da *modernidade judaica* demonstrarão uma certa ou total emancipação da *judaicidade*. O que não faz surpreender então que a delimitação

ou ruptura dos *valores permanentes* se tenha refletido na própria estrutura do hebraico.

Mas seja dito que esta condição emancipada de alguns judeus não colocaria totalmente o hebraico completamente pra fora do mundo ou da *realidade* dos judeus; estes judeus emancipados e “modernos”, engajaram-se por outro pendão da cultura judaica, o “jargão”, por terem neste um reflexo de sua nova modalidade e organização social, o Estado Moderno. Compondo-se às regras da concepção individual liberal e democrática de organização moderna de Estado, buscaram estes judeus determinarem-se na visão de uma terra efetiva, não mítica, em razão histórica e racionalista, onde a possível “nação judaica” estaria organizada dentro de uma *outra história*, formulada então de forma total, política, histórica e econômica, liberalmente livre da metafísica da crença e da religião. Estes judeus, grosseiramente falando, poderiam então ser chamados de *judeus de um agora* contrapostos aos *judeus de princípio*; por isso sua luta e defesa valiam-se mais uma língua espontânea do que de uma língua mítico-original.

Apesar desta nova posição linguístico-política, o *ivrit*, como dito, não foi absolutamente recusado, somente perdia seu valor *d’a Língua* diante de alguns grupos judaicos de pensamento moderno e republicano na conta de uma outra língua que para eles melhor incorporava as dadas perspectivas e urgências destes ideais nacionalistas. O *Galut*, a Diáspora, para estes judeus modernos não era visto mais como um problema que merecesse remediação ou mesmo solução, era somente encarado numa perspectiva pragmática de processo histórico, sendo destino comum e necessário duma outra *visão de mundo*.

Apesar disso, tal política linguística nunca se configurou à totalidade de um grande grupo humano, ou duma “massa” judaica, estando somente ligada a teoria de algumas correntes dos pensadores e militantes do judaísmo moderno. O Estado moderno, em sua emancipação de homem, foi muito mais positivo do que negativo ao hebraico. A liberdade de expressão dos povos, advinda das revoluções liberais, instituída nos estados capitalistas, permitiu às letras

hebraicas uma vigorosa e atuante forma de vida, possível na circulação ampla, impressa, gozando grande liberdade de proposição e projetos.

O século XIX, é marcado por uma grande efervescência de publicações que constituíram a modernidade do hebraico, fora uma grande quantidade de obras embandeirando o caráter judaico, emitindo, então, a cultura judaica de forma universal, modernizando, finalmente, o hebraico. O que teve, pois, resultado relativo, infeliz e contraposto quanto às reações e publicações nacionalistas e antisemitas que também no mesmo período tiveram alto grau de efervescência e difusão...

Enfim.

Este relacionamento entre hebraico e nação hebraica fica bem caracterizado na obra de Eliézer Ben Yehuda (1858-1922), que lutou arduamente para impô-lo como a língua falada da *Eretz Israel*. Luta que finalmente se consumou em 1923 quando o hebraico tornou-se língua oficial do Estado da Palestina; as conquistas do hebraico refletiam-se nas conquistas judaicas. O hebraico fora a língua “pendão” para o movimento sionista, baseando um Estado judeu na própria visão de mundo nacionalmente judaica; o início do século XX fica marcado por uma militante migração de autores à *Eretz Israel*, na intenção de impulsionar e formar a então crescente comunidade palestina de judeus através de uma unidade e identidade cultural forte e linguisticamente unificada, para que assim se pudesse provocar a formação de um Estado judaico estruturado, pleno e futuro (SZUCHMAN. p. 9). A ideia de origem e comunidade na “terra”, defendida por este movimento, ficava estendida à ideia de uma língua comum; a bandeira de uma só nação se reabilitava modernamente sobre um dos conceitos básicos para o entendimento de um “povo” segundo aqueles autores, uma língua; mais do que o *Elohim*, o *ivrit* aparecia então como o “grande patrimônio” do judaísmo. Estrategicamente, desta forma, tanto a ortodoxia mais conservadora como a modernidade mais nacionalista e progressista conectaram-se, não através de suas crenças, mas por uma terra e uma língua comum, conforme a ideia moderna de Estado democrático e liberal. Mesmo que partes do judaísmo debatessem e se contrariassem, o estariam fazendo de forma a

contemplar a perspectiva de Estado, o que finalmente o efetiva. O surgimento do estado moderno de Israel marca o positivo reestabelecimento do hebraico como língua moderna; a modernidade alcançava o judeu na correspondência em que o hebraico alcançou o estado.

Pois bem.

Não nos resta dúvida, então, olhando aos olhos da História, que notar a história do judeu é um ato que nos revelará sempre particularidades linguísticas; o hebraico, por estar sempre presente na vida do judeu, mesmo que discreta e minimamente, carrega os traços da história de seu povo; pois, como dito, não há na história de um homem um só momento onde sua *linguagem* e sua língua não estejam presentes e manifestas; que consciência é língua! Assim o *mundo* dos judeus, ou o mundo para um judeu sempre reclamará seus valores, o que necessariamente se porá através do hebraico e de todas suas as suas línguas resultantes. A identidade judaica é absolutamente também uma identidade linguística.

O hebraico é judeu.

E, conforme alguns, Deus é *Linguagem*.

Em todo lugar onde eu fizer recordar o meu nome, eu virei a ti.
(Êxodo 20:24)

Bibliografia

DINUR, Ben-Zion. *História Judaica: Singularidade e Continuidade*, em: Vida e Valores do Povo Judeu. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GUINSBURG, Jacó. *Uma Língua Passaporte: o Ídiche*. São Paulo: Espaço Acadêmico, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Linguagem e Antropologia*, em: Antropologia Estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SORJ, Bernardo. *Identidade e Identidades Judaicas. Correspondência a Hershele Grin*. Rio de Janeiro, 2004.

SZUCHMAN, Esther. *O Renascimento da Língua Hebraica e Sua Continuidade na Diáspora*, em: Revista Vértices, Universidade de São Paulo, n. 11 (2011), pp. 53-69, disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/71>>.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: história judaica e memória judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

La História del Renacimiento de La Lengua Hebrea, disponível em: <http://www.bama.org.ar/merkaz/jomer_on_line/ivrit_historia_hebreo.pdf>, acesso em: junho de 2014.